
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

A POESIA DE SOSÍGENES COSTA: O TRAJETO DE UMA OBRA ESQUECIDA

Jane de Paula Malafaia (UFF)*

RESUMO: A poesia de Sosígenes Costa apresenta uma mistura de traços estilísticos parnasianos, simbolistas e barrocos de seus originais “Sonetos Pavônicos”, apesar de o poeta aproximar-se do Modernismo, principalmente por demonstrar uma consonância com alguns recursos intertextuais privilegiados pelos escritores modernistas, como a paródia. O aspecto tangencial da poesia de Sosígenes Costa, somado à demora do próprio poeta em publicar a *Obra Poética*, dificultou a inserção do escritor no panorama literário nacional. Por essa razão, constata-se que a obra de Sosígenes Costa, depois de mais de um século do nascimento do poeta, ainda espera por maior visibilidade.

PALAVRAS-CHAVES: poesia, estilo, paródia, visibilidade.

O poeta Sosígenes Marinho da Costa (1901-1968) nasceu em Belmonte, sul da Bahia, cidade presente em diversos poemas memorialistas da infância do autor. Aos 25 anos, mudou-se para Ilhéus, onde produziu a maior parte da sua obra e trabalhou como professor primário, telegrafista, escriturário e secretário da Associação Comercial local. A partir de 1928, estreou na imprensa e colaborou com o jornal *Diário da Tarde* e esporadicamente com periódicos de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo. Apesar de seus primeiros escritos datarem da década de 1920, somente em 1959 seu primeiro livro foi publicado – a *Obra Poética* – pela Editora Leitura do Rio de Janeiro, rendendo ao poeta baiano o Prêmio Jabuti de Poesia, em São Paulo, e, ainda, o Prêmio Paula Brito, no Rio de Janeiro. Nessa época, o poeta já vivia no Rio de Janeiro há dois anos, permanecendo na cidade até sua morte em 1968. A demora na publicação de seus poemas deveu-se ao fato de o próprio autor evitá-la, essa reclusão finalmente foi interrompida devido à insistência de amigos e admiradores que o convenceram a aceitar a solicitação da editora carioca.

Em 1978, uma segunda edição da *Obra Poética* foi realizada por José Paulo Paes, através da Editora Cultrix, bem como o ainda inédito poema *Irarana*, publicado em

* malafaiajane@yahoo.com.br

1979, apesar de o poeta tê-lo escrito entre 1932 e 1933. Havia, na *Obra Poética*, somente um “Trecho de Iararana” que, obviamente, não dava a dimensão dessa obra singular que trata da colonização brasileira, da miscigenação na mata primitiva brasileira e da invenção de um mito de origem para o surgimento do cultivo do cacau na região. Sob o título “Iararana ou o modernismo visto do quintal. Um roteiro de leitura”, Paes introduz a obra e aproxima o leitor do estilo do poeta, além de apresentar as justificativas que o vinculam ao projeto modernista pela temática localista que privilegia o caboclo, as lendas, folclore e mitos regionais e a liberdade criativa. O livro conta também com o prefácio “O grapiúna Sosígenes Costa”, de Jorge Amado, que vale como depoimento e testemunho entusiasta da arte do poeta que fez do mar, do cacau e da terra o tema de sua poesia. Para Amado, Sosígenes era um “poeta social marcado por seu tempo, tão requintado e ao mesmo tempo tão popular, pois grande parte de sua obra se baseia na vida do povo e dela se alimenta – folclore, hábitos, expressões, humanismo – ele ficará nas nossas letras como uma dessas grandes árvores isoladas que se destacam na floresta” (Amado 2001: 395).

Anterior a essas edições, José Paulo Paes havia publicado, em 1977, um estudo panorâmico da obra do autor baiano – *Pavão Parlenda Paraíso. Uma tentativa de descrição crítica da poesia de Sosígenes Costa* – de que consta uma pequena antologia extraída da *Obra Poética*. O sugestivo título sintetiza três características marcantes do poeta: o *pavão*, emblema dos sonetos; a *parlenda*, símbolo da dicção popular, dos jogos e das brincadeiras infantis; e o *paraíso*, região sul baiana. O intuito de Paes, naquele momento, era proporcionar ao leitor uma visão da arte, para ele, “estranha e refinada” do poeta grapiúna.

É curioso que a obra poética desse autor tenha arrebatado prêmios e elogios, além de ser resgatada por um escritor de peso como José Paulo Paes, e ainda assim continuar desconhecida da maioria do público leitor de poesia, inclusive da chamada leitura especializada. Entre a recuperação efetuada por Paes e os estudos atuais sobre o poeta, houve um longo período de silêncio em torno de sua obra, somente interrompido na década de 1990, com o livro *Sosígenes Costa. O Poeta Grego da Bahia*, de Gerana Damulakis, autora que, como José Paulo Paes, é referência para todo leitor que pretende aprofundar-se no conhecimento da poética de Sosígenes Costa.

O ano de 2001 reacendeu o interesse pelo autor em decorrência da comemoração do centenário de nascimento do poeta, fato que tornou permanente sua presença na cena literária baiana. Nesse mesmo ano, a revista baiana “Iararana” realizou uma edição especial sobre o poeta, com entrevistas, leituras, ensaios, resenhas e traduções de poemas. Vale dizer que a revista circula desde 1998 e seu título presta homenagem a um dos principais poemas de Sosígenes Costa. Aleilton Fonseca, um dos criadores da revista, esclarecia na ocasião: “o fato é que nós queríamos um nome propositivo, que não fosse apenas uma homenagem a um escritor já entronizado no cânone. Sosígenes Costa estava esquecido, podíamos trazê-lo à tona com a revista”. Tal revista já trazia a preocupação em conquistar um lugar no panorama literário para o escritor brasileiro, revelar novos autores e mostrar a convivência de escritores de diferentes gerações e de diferentes lugares.

Na apresentação dessa edição comemorativa dos cem anos de nascimento de Sosígenes Costa, Aleilton Fonseca e Carlos Ribeiro chamam a atenção do leitor para uma abordagem da produção lírica do poeta dentro das perspectivas teóricas atuais, os editores também procuram estabelecer o lugar de Sosígenes Costa na história da poesia brasileira do século XX como “um dos poetas que desenham o universo grapiúna no mapa lírico brasileiro”, ao lado de Jorge Amado e Adonias Filho, reconhecendo suas originais contribuições: “o poema primitivista *lararana*, uma epopéia mitopoética da nossa formação étnico-cultural mestiça no sul da Bahia, e os ‘Sonetos pavônicos’ que fundem invenção lírica, plasticidade e cromatismo nas imagens, para representar alegoricamente paisagem, objetos e sensações” (Fonseca e Ribeiro nov./2001 a fev./2002: 6).

Ainda em 2001, a Fundação Cultural de Ilhéus, com o apoio da Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, compilou a *Poesia Completa* de Sosígenes Costa, iniciativa providencial, já que as publicações anteriores estavam esgotadas no mercado editorial. No Rio de Janeiro, por exemplo, do livro *lararana* há somente um exemplar na Biblioteca Nacional, sendo possível encontrar a *Obra Poética* também em bibliotecas universitárias.

Pela primeira vez, a poesia de Sosígenes Costa tornou-se acessível ao público (pelo menos ao público baiano). O conjunto da obra do autor é composto por *Obra Poética I*, com 99 poemas divididos em 4 partes: “Sonetos pavônicos e outros sonetos”, “O vinho e os aromas”, “Versos de uma era extinta” e “Belmonte, Terra do mar”; *Obra Poética II*, com um bloco único de 70 poemas; *lararana* fecha o volume da obra do poeta. Lamentavelmente não houve distribuição fora da Bahia, pela inexistência de um projeto amplo que promovesse o conhecimento dessa rica, sofisticada e original poesia moderna brasileira.

Todavia, o fomento dos estudos em torno da obra do poeta grapiúna gerou importantes ensaios críticos e antologias, como *A Sosígenes, Com Afeto*, organizado por Hélio Pólvora, e *O Triunfo de Sosígenes Costa*, organizado por Cyro de Mattos e Aleilton Fonseca. Nesses livros, encontram-se artigos que contemplam as características centrais da poesia sosigenesiana: da paródia da mitologia grega à questão identitária na epopéia grapiúna *lararana*, análise dos versos singulares de os “Sonetos Pavônicos” que particularizam a paisagem da terra natal do poeta, alegorias, profusão de cores e aromas da natureza, etc. Há ainda um outro trabalho que se destaca por tratar de um aspecto até então não explorado: a dimensão sensorial em Sosígenes Costa. *Travessia de Oásis, a sensualidade na poesia de Sosígenes Costa*, de Florisvaldo Mattos, penetra no que para o ensaísta seria a marca diferenciada do processo criativo do poeta que tem a habilidade artística de ligar sensações humanas com imagens (Mattos 2004: 26).

A fortuna crítica do poeta, contudo, tem um universo de pesquisa praticamente restrito à Bahia. O campo para a investigação é vasto em relação a essa produção que, de forma singular, encerra uma visão de mundo em uma época de grande contestação na vida literária e cultural brasileira do início do século XX. É preciso incorporar definitivamente na cena literária brasileira a poesia do autor que dialogou com

diversos estilos literários, refez uma memória local e operou o conteúdo da tradição cultural universal com novos procedimentos advindos das vanguardas modernistas.

Desde o surgimento da *Obra Poética*, Sosígenes Costa esteve à margem do repertório literário legitimado pelo cânone e os críticos literários não se ativeram a sua poética. Alfredo Bosi, no entanto, ressaltou a originalidade e o injusto esquecimento do autor na seguinte nota de rodapé:

A recente reedição, aumentada, da *Obra Poética* de Sosígenes Costa [...], por obra de seu admirador e crítico José Paulo Paes, veio chamar a atenção para um poeta original que, por ter vivido à margem dos principais grupos literários, sofreu um injusto esquecimento. Essa marginalidade deveu-se também a razões internas. O texto de Sosígenes é e não é modernista. Alia um gosto decadente por figuras coloridas e exóticas a um veio humorístico sutil, talvez paródico, que se insinua nos seus versos políticos escritos à maneira de Castro Alves. Ler J. P. Paes, *Pavão, Parolenda, Paraíso*, Cultrix, 1977. (Bosi 1988: 519)

O comentário de Bosi revela o caráter ambíguo da poesia de Sosígenes Costa e a dificuldade em se tratar do seu texto, a começar pela categoria: a referência ao Modernismo não se dá por acaso e já admite em si a hipótese de o poeta ser inclassificável, ou seja, não há como enquadrá-lo em uma única corrente estética. Conforme dito de forma precisa por Bosi, o poeta ficou marginalizado, em parte, em decorrência do seu próprio processo de composição que constantemente entrelaça estilos literários diferentes. Sosígenes aprecia as regras rígidas, aplicando a métrica e a rima consonante em todas as quadras dos sonetos, elaboração formal que poderia identificá-lo com o parnasianismo, inclusive pela linguagem extremamente trabalhada, vocabulário culto, temas mitológicos, registro impessoal da natureza e descrição de objetos, como, por exemplo, em um poema intitulado “É uma glória da China a porcelana” (Costa 2001: 28-29). Traços do Simbolismo fazem parte da sonetística sosigenesiana no aproveitamento da linguagem poética sugestiva do crepúsculo que sobrepõe o sonho e o devaneio à realidade, como atesta o primeiro soneto da *Obra Poética*, “Tornou-me o pôr-do-sol um nobre entre os rapazes” (Costa 2001: 25):

Queima sândalo e incenso o poente amarelo
perfumando a vereda, encantando o caminho.
Anda a tristeza ao longe a tocar violoncelo.
A saudade no ocaso é uma rosa de espinho.

Tudo é doce e esplendente e mais triste e mais belo
e tem ares de sonho e cercou-se de arminho.
Encanto! E eis que já sou o dono de um castelo
de coral com portões de pedra cor de vinho.

Entre os tanques dos reis, o meu tanque é profundo.
Entre os ases da flora, os meus lírios lilases.
Meus pavões cor-de-rosa, os únicos do mundo.

E assim sou castelão e a vida fez-se oásis
pelo simples poder, ó pôr-do-sol fecundo,
pelo simples poder das sugestões que trazes.

O poente faz esmaecer a nitidez das cores e embaraçar as fronteiras do real e do imaginário. A imagem propicia a sobreposição do sonho à realidade neste primeiro soneto crepuscular. O poema acima condensa várias imagens características da poesia de Sosígenes Costa: o poente, o emblemático pavão, o vinho, as flores, etc. Também se vê aqui aspectos formais comuns no poeta: as repetições de palavras e o esquema de rima em que se alternam as mesmas rimas nos dois quartetos e a inversão do mesmo esquema de rima dos dois tercetos. A partir daí, proliferam-se cores e perfumes na sensual poesia dos sentidos.

Na visão do entardecer, Sosígenes Costa opera a recuperação das paisagens de Belmonte. Aproveitando o momento de diluição da luz, o poeta dá vazão ao devaneio e dissolve a realidade na imaginação. Segundo José Paulo Paes, a metáfora própria da poética de Sosígenes Costa passa por uma “transfiguração imagética” que rompe o “nexo metafórico”, ao qual sua imagem ainda estaria presa à realidade, para entregar-se ao “mundo feérico dos sonetos” (Paes 1977: 17). Nesta ótica, através do movimento de deslocamento, a imagem poética de Sosígenes Costa perderia sua referência externa para expressar-se na idéia abstrata, isto é, passaria a habitar somente o mundo da ficção – é o próprio poeta a dizer que a imagem é “sugerida” pelo pôr-do-sol. O poeta tira proveito das possibilidades que seus versos de extrema visualidade trazem, estabelecendo um jogo entre realidade e ficção que a metáfora deixa entrever.

Todo o jogo analógico entre a paisagem característica da cidade natal do poeta e os “pavões de um rei fictício”, de acordo com os versos de “O Primeiro Soneto Pavônico” – “Maravilhado assisto das janelas. / Os coqueiros, pavões de um rei fictício, / abrem as caudas verdes e amarelas, / ante da tarde o rútilo suplício.” (Costa 2001: 40) –, agencia a transfiguração metafórica típica do autor: o pôr-do-sol de Belmonte ou Ilhéus é povoado por pavões e, partindo desse espetáculo paisagístico, um universo de significação se abre, sempre o ocaso a transformá-lo por um processo que consiste em desviar determinadas “cenas” do seu lugar comum. Para isso, teria o poeta recorrido à polarização de dois elementos fundamentais no poema: a cor que dirige a sintaxe dos versos e a animalização da natureza que articula a metáfora e transmuta os coqueiros em pavões. Os emblemáticos pavões dão vazão ao gosto do poeta pelas cores: ora são azuis, ora vermelhos, lilases ou chegam até à simbologia do nacionalismo na cauda verde-amarela. No jogo de analogias, o poeta vai do crepúsculo à plenitude solar: os poemas de louvor ao sol fixam cores, em especial o amarelo, contrastantes com o poente em nuances de cores e sombras, enfatizando a

plasticidade dos sonetos. Os poemas crepusculares e solares contrapõem a presença forte das cores do dia, de manifestação barroca, à oscilação do poente, de expressividade imaginativa propícia aos símbolos e imagens peculiares de Sósígenes Costa, mas também constituem uma alternância que faz com que o amarelo seja o ponto de encontro: dia e noite “vão [...] desenrolando a trama do amarelo” que “é o senhor absoluto das horas de declínio, outono e poente”, conforme o poema “A Apoteose das Parcas” (Costa 2001: 96-97).

O poeta é um contemplador do espetáculo da natureza e a impregnação visual nutre a frequência de alusões à realeza em seus versos, revelando a inclinação barroca do poeta pelo requinte. O pavão e a realeza formam um par que concentra a sintaxe analógica e um conhecimento cultural universal com vivência local. Tudo isso metaforicamente transfigurado pela imaginação do poeta que mistura de forma inusitada referências distintas à paisagem local e ao fantástico. Os sonetos dedicados ao sol, em poemas como “O Triunfo do Amarelo” (Costa 2001: 48) – “E a luz do sol, sinfônica e sonora, / dos céus rolando, em mágica torrente, / a gama inteira do amarelo explora” –, imergem nos sentidos e na sensualidade multicolor de uma poesia que tira partido da sonoridade das palavras e da plasticidade da natureza e do pavão. Os “Sonetos Pavônicos” exploram a imagem do pavão não só em suas possibilidades visuais, mas também no processo de animalização da natureza que transfere a imagem da paisagem para um mundo imaginário, exótico, fabular, conferindo a seus versos um ar surreal.

Todos esses procedimentos são indicativos da mescla de diversos estilos que dificulta a localização do poeta no quadro de poesia brasileira do século XX. Contudo, não se pode perder de vista que os poemas de Sósígenes Costa estão constantemente perpassados não só por traços oriundos do Parnasianismo, do Simbolismo ou do Barroco, mas também, e acima de tudo, por recursos intertextuais, como a paródia, em combinações de textos preexistentes e deslocamentos no tempo e no espaço de episódios históricos, bíblicos, populares e folclóricos, a exemplo do que acontece no poema “As Ex-Israelitas” (Costa 2001: 87-93) que trata de um episódio bíblico invocando questões sócio-econômicas da atualidade.

Nesse poema, Sósígenes cruza diferentes discursos: a linguagem típica do relato bíblico se mistura ao coloquial e à metalinguagem. Duas passagens bíblicas do Velho Testamento são usadas como epígrafes e tomadas de empréstimo para o autor elaborar o tema das filhas de Sodoma e Gomorra, casadas com “anjos protetores dos rebanhos do latifúndio de Abraão”, que deixam seus maridos “em busca de outros amores”. A narrativa em chave paródica desenvolve-se parafraseando a destruição de Sodoma e Gomorra e a construção da Torre de Babel. Esses episódios da Bíblia ganham uma dicção coloquial em relato entremeado de elementos estranhos à ambientação da época e região (diversos termos que aparecem no poema demonstram um choque entre códigos: “latifúndio de Abraão”, “melhor padrão de vida”, “colapsos econômicos”, “terra onde há petróleo”, etc.), caracterizando, assim, o deslocamento da forma, pela linguagem coloquial, e do conteúdo, por atribuir a destruição de Sodoma e Gomorra a “competições econômicas” de “vizinhos ambiciosos” no

lugar da “intervenção de Jeová”. Com esse deslocamento no tempo e no espaço, o poeta esvazia as significações tradicionais, dessacraliza o solene e transgride seus sentidos.

Pode-se perceber, no exemplo acima, que o estilo de Sosígenes Costa aproxima-se da estética modernista mais que de qualquer outra pela qual o poeta tenha transitado. Tanto que José Paulo Paes, determinando-se a promover a recuperação do escritor baiano, teria postulado sua inserção no Modernismo. A preocupação de Paes era não só a de tornar a obra do poeta mais conhecida, mas reivindicar para Sosígenes Costa um lugar de destaque na literatura brasileira, incluindo *lararana* como uma das obras representativas do modernismo brasileiro, ao lado de *Macunaíma*, de Mário de Andrade; *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo e *Cobra Norato* de Raul Bopp. Para o crítico, não seria exagero Sosígenes Costa figurar entre os principais poetas do nosso Modernismo (Paes 1977: 11).

José Paulo Paes avalizou *lararana* como “o mais extenso, o mais ambicioso e o mais sustentável dos poemas narrativos de Sosígenes Costa” (Costa 2001: 399). A obra é distribuída em quinze cenas: a primeira delas mostra a vida na floresta antes da colonização. Nela desfilam inúmeros animais e figuras fantásticas. A impessoalidade da narrativa inicial introduz um rico diálogo entre os seres da mata

Um dia, dom Grilo passou por aqui
correndo de um bicho que estava lá atrás.
O homem-de-saia ficou com medo
e entrou no mundo.
Aquela bruxa também azulou.
O lobisomem tomou um sumiço
e a mula-de-padre foi se esconder.

Logo na segunda cena, surge o narrador, seguindo a tradição oral, a “alma do mato” começa a contar a gesta do Tupã-Cavalo ao neto, o “menino do céu” que, além de ser o herói do poema, completará a narração iniciada pelo avô:

Mas a alma lá do mato
me chamou me sossegou:

Não corra, meu filho,
que eu sou o teu avô,
e me contou a história
e me deu esta flor.

Me levou pela mão
para o tempo do onça.
Assisti essa história

do tempo do onça
no tempo em que o rio
não tinha cacau
e nem frota-pão.
Só tinha quiçare
velame, cajá.

Note-se, no trecho acima, que a narrativa transcorre em um timbre coloquial e irreverente. O poema está claramente localizado no sul da Bahia. Embora não tenha precisão na data, o mítico “tempo do onça” em que os bichos falavam, aproximava-se o momento da “Descoberta”. A mata é invadida pelo “Tupã-Cavalo” que toma a terra e domina os seres locais. “Irarana”, a “falsa iara”, filha do estrangeiro que viola a verdadeira iara, mãe d’água da região, simboliza esse domínio. No desfecho, depois de todo o percurso da epopéia grapiúna, a mata é retomada por seus nativos na figura do “filhinho de aimoré” que derrota o centauro e sua procriação.

A temática neo-indianista de *Irarana*, retornando à época da colonização brasileira, aborda questões pertinentes ao confronto do nativo com o estrangeiro, estabelece a superação da imposição violenta através da valorização das particularidades locais. A região sul da Bahia é o palco da narrativa poética sosigenesiana e dela emergem a natureza, o folclore, as lendas e a cultura popular. José Paulo Paes considera que o “propósito ostensivamente nacionalista de *Irarana*, com sua ênfase nos valores da terra em contrapartida aos valores de fora, com sua dicção inçada de coloquialismos regionais”, impõe o “enquadramento” da obra na fase primitivista que teria inaugurado o Modernismo Brasileiro (Paes 2001: 400-401).

Entretanto, é preciso ter em mente que a publicação tardia de *Irarana* em relação à produção modernista impossibilitou qualquer impacto que a obra poderia causar no que tange ao estilo experimental da época, mas não nos impede de aproximá-la da Antropofagia. *Irarana* rejeita a visão colonizadora, dessacraliza os mitos clássicos europeus e reafirma antropofagicamente a identidade brasileira. Sosígenes Costa recorreu ao conteúdo primitivista da região para estruturar sua saga grapiúna, mas também bebeu da fonte da literatura clássica européia com a introdução do gênero da epopéia e da presença da mitologia grega. Esta, no entanto, servia-lhe como ingrediente antropofágico e seus símbolos eram ridicularizados por meio da paródia que, reinventando a linguagem épica, destituiu o herói de seus feitos grandiosos. Não é à toa que o poeta utiliza a figura do centauro, descendente de Íxion, rei dos lápitas, povo que habitava o norte da Grécia na era neolítica. O mito de Íxion consiste na tentativa de seduzir Hera, esposa de Zeus. Pensando tê-la possuído, no lugar de Hera havia uma nuvem com suas feições, preparada por Zeus para desmascará-lo. Esse relato pode ser visto, em tom jocoso, na própria voz do personagem de *Irarana*, o Tupã-Cavalo, na cena XI - “Forrobodó na coroa” (Costa 472-473). Após ser expulso do Olimpo, o centauro vem parar nas águas do Jequitinhonha e destrói a mata da região para introduzir o cultivo do cacau.

Nesse caminho, a obra é motivada pela afirmação de uma existência que se vincula à terra e à herança nativa e luta contra seu apagamento em razão da imposição dos valores europeus na cultura brasileira. A necessidade de pensar sobre a existência que assume sua fragilidade e dela se alimenta para convertê-la em força e, assim, transformá-la em crivo crítico que resulta em saber selecionar, da cultura européia, apenas os elementos capazes de suprir nossas necessidades. Uma existência que aponta para uma consciência que, ao reconhecer a impossibilidade de transformação da realidade do colonizado, instaura a subversão antropofágica como transposição crítica diante do colonizador. Assumindo as contradições do nosso atraso, a Antropofagia contrapôs-se à domesticação, resistiu e lutou contra a representação mimética da cultura européia. Mais do que qualquer outro pensamento, a Antropofagia de Oswald de Andrade alcançou a formulação de uma existência crítica: existência afirmada por sua *diferença* em relação ao contexto universal. Segundo Fernando Muniz, a “expansão devorativa” antropofágica é “guiada por uma sensibilidade para tudo o que é forte e resistente, busca incessante de tudo aquilo que levaria ainda mais longe a afirmação da existência” (Muniz 1995: 108).

Sobre essa questão, Haroldo de Campos esclarece que a “necessidade de pensar o nacional em relacionamento dialógico e dialético com o universal” ganhou forte sentido “com a ‘Antropofagia’ de Oswald de Andrade, nos anos 20 (retomada depois, em termos de cosmovisão filosófico-existencial, nos anos 50, na tese *A Crise da Filosofia Messiânica*)”. Campos define a Antropofagia como “o pensamento da devoração crítica do legado cultural universal”. Sua elaboração é feita a partir do ponto de vista “desabusado” do antropófago e envolve uma “transculturação [...], uma ‘transvaloração’: uma visão crítica da história [...] capaz tanto de apropriação como de expropriação, desierarquização, desconstrução. Todo passado que nos é ‘outro’ merece ser negado. Vale dizer: merece ser comido, devorado” (Campos 2004: 234-235).

As marcas da estética da devoração podem ser vistas na versão antropofágica da colonização em *lararana*, como também o estilo modernista parece atuar como traço geral da poética de Sosígenes Costa, mesmo considerando os elementos parnasianos de regras rígidas de rima e verso e apreciação da Antigüidade Clássica, o que ocorre em sua obra é a dessacralização de tudo o que representa a herança cultural européia e, no uso de seus próprios signos, o poeta a coloca sob outro foco: o da ironia, da paródia e do humor. O poeta aproveita resquícios das velhas estruturas da literatura clássica para compor sua poesia. Como um *bricoleur*, Sosígenes Costa desmonta e remonta a tradição clássica, através do processo da colagem de paradigmas desgastados para revelar novos sentidos. O deslocamento de um universo de significação da visão tradicional para outras possibilidades cria um efeito de estranhamento, caro ao poeta, e aparece constantemente em sua obra.

Embora a necessidade de recuperar o poeta para o espaço da poesia brasileira do século XX seja incontestável, não se pode deixar de considerar que a inclusão do poeta no panorama de poesia modernista é bastante problemática. Sosígenes Costa, na verdade, transcende essa categoria, sendo preferível considerá-lo inclassificável pelo caráter singular de sua obra e pela pluralidade de seu estilo.

Diante da pluralidade poética de Sosígenes Costa, é de se estranhar sua ausência entre os escritores brasileiros de inegável qualidade, sobretudo quando se pensa na rica elaboração de uma poesia que cruza diferentes técnicas de composição, conferindo a sua obra um caráter conflitante e paradoxal. Por ser requintada e estranha, sua poesia torna-se indefinida. Segundo a delimitação de Aleilton Fonseca, a poesia de Sosígenes Costa se definiria como a poética do olhar: “Sosígenes Costa é um poeta imagético por excelência. Seu olhar se projeta sobre coisas, paisagens, ações, ritos, situações.” Um poeta que “transmuta, alegoriza, ressignifica, plasmando em linguagem lírica aquilo que visualiza - no real e na imaginação - e traduz em imagens especiais concebidas por seu poder verbal de sugestão” (Fonseca 2004: 93-94).

Um poeta de imagens peculiares que *pinta* a paisagem de sua terra com os alegóricos pavões e na visualidade que consolida mais do que qualquer outro aspecto a singularidade da poesia de Sosígenes Costa. O poeta observa a natureza e expressa sua plasticidade, recorrendo à sinestesia para associar impressões sensoriais distintas a sua rica linguagem que prima pela produção de imagens que renovam o processo expressivo. Mistura-se aí o gosto do poeta pela profusão de cores que imprime aos sonetos a sensualidade barroca de ênfase na metáfora solar. É o que podemos ver na última estrofe de “Obsessão do Amarelo”: “E na paixão mongólica e selvagem / pelos tons de outro a natureza exige / que os próprios troncos amarelo trajem”. Além disso, estão presentes nos “Pavônicos” diversas alusões a episódios e personagens bíblicos, históricos ou lendários. A composição desses sonetos é regida pela mescla de estilos que se harmonizam dentro da obra do autor.

Assim, a obra do poeta baiano é tida como um testemunho da força da natureza local e uma perplexidade diante de questões sociais (Damulakis 1996: 11). A poesia sosigenesiana possui inegavelmente o valor de uma obra que deve ser abstraído pelo exame investigativo de sua tecitura e calcado na compreensão dos mecanismos de composição e da visão de mundo que ela transmite; e com o processo de leitura que amplia o campo de significação da obra objeto de análise, pois como lembra Leyla Perrone-Moisés, “uma obra ainda está viva quando tem leitores”, mas “o que leva a literatura a prosseguir sua história [...] são as leituras ativas daqueles que as prolongam, por escrito, em novas obras” (1998: 13).

Essa defesa pela leitura especializada deve nortear as pesquisas em torno da poesia de Sosígenes Costa. Do lirismo de poemas como “Emendando um Soneto” (Costa 2001: 259) aos “Sonetos Pavônicos”; dos poemas folclóricos, sociais ou descritivos às paródias de textos bíblicos, históricos ou literários. A poética de Sosígenes Costa contém uma multiplicidade de características que mostra a riqueza e complexidade de sua tecitura, destacando-se os ciclos de poesia ou grupos de poemas identificados pela temática.

O aspecto cíclico da poesia de Sosígenes Costa foi considerado com muita propriedade por José Paulo Paes. De acordo com Paes, os ciclos comportam: (a) sonetos crepusculares dos “Sonetos Pavônicos e Outros Sonetos” de características simbolistas. “Tornou-me o Pôr-do-Sol um Nobre Entre os Rapazes”, como visto, possui um tom subjetivo e pessoal, porém, os demais revelam a preferência do poeta por um

olhar impessoal que fixa o mundo exterior muito mais pelo olhar que pela emoção interior. O que contraria o procedimento tipicamente simbolista de levar o próprio estado d'alma à descrição da natureza. O poeta adota uma postura de observador da ação e não de autor ou objeto; (b) o ciclo de plenitude solar é composto por poemas em louvor ao amarelo. Os sonetos de traços simbolistas e barrocos explodem em cor, luxo e sensualidade contrastantes com o ciclo crepuscular. No ciclo solar sobressaem elementos barrocos na sensualidade e na profusão de cores e perfumes. Florisvaldo de Mattos, compreendendo a predominância do visual nos poemas sosígenesianos, procurou “desmontar a engrenagem sensual dessa poética”, impressionado pela “extensão que nessa vasta cartografia poética ocupam as sensações visuais, na qual o timoneiro-poeta se posta como o legítimo senhor de todo um universo cromático cujos limites quase tocam o infinito” (Mattos 2004: 38). “Obsessão do Amarelo” (Costa 2001: 43-44) é um exemplo dessa poesia cromática e demonstra a afinidade de Sosígenes Costa com a pintura, através do claro-escuro, da sombra-luz, o amarelo é expandido em diversos tons nos versos “De um ruivo estranho o lírio se colora / e o trevo exhibe um jalde de aquarela. / O áureo matiz até na passiflora / dominadoramente se revela” de adornos barrocos: o luxo, a ostentação e o poder são próprios dessa face da poesia de Sosígenes Costa. A obsessão pelo esplendor solar impregna toda a natureza de diferentes tons de amarelo. Esta cor expressiva nesse ciclo liga-se a perfumes de diversas flores enumeradas nos “Sonetos Pavônicos”; (c) no terceiro ciclo, de referência bíblica e histórica, Sosígenes Costa traz para sua cena poética diversas passagens da Bíblia e da História. Os perfumes, por sua vez, envolvem personagens bíblicos como, por exemplo, a rainha de Sabá, identificada como a “imperatriz do aroma”, e Salomão, cujos servos são exaltados por sua sensualidade negra. Uma das características do poeta é a fixação por personagens históricos e a paráfrase de episódios bíblicos que estão sempre presentes em sua poesia. Sosígenes Costa trata de forma irreverente acontecimentos e personagens históricos e bíblicos. As referências a reis, rainhas e príncipes aparecem em diversos poemas sempre trabalhados em uma chave paródica. Ao abandonar o tom solene da tradição cultural, histórica e religiosa, o poeta cria um ambiente que explora conteúdos populares e folclóricos, refletidos principalmente no ciclo de poemas que destaca o tema afro-brasileiro. (d) no quarto ciclo, o poeta revela sua face folclórica e de participação social. Neste grupo de poemas de inspiração afro-brasileira, também chamado de participativo, o que sobressai é o envolvimento que o poeta demonstra ter com a temática de “fusão afetiva com o tema do negro brasileiro” (Mattos 2004: 11). Uma das marcas do conjunto de poemas desse ciclo é o registro da vida popular, do folclore, dos costumes e lendas da Bahia. Entretanto, não se trata de simples relatos da linguagem e da ambiência baianas, sendo antes painéis etnográficos das vivências da gente de sua terra. O poema “Cantiga de Canavial” pertence a esse gênero participante do poeta: “Não posso mais chupar cana / com sossego e com descanso. / De que serve tanto açúcar / se em meu peito há tanto fel?” (Costa 2001: 224). A popularidade desses versos é confirmada na última estrofe: “Ai que saudades que eu tenho / daquela cana caiana / que eu chupava ao sol-poente / na terra de Aroandê.” A apropriação em tom paródico do poema de Casimiro de Abreu “Meus Oito Anos” (“Ai! Que saudade que eu tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!”) não pode

ser descartada, porém, mais visível é relação paródica com o poema “Canção do Exílio”, de Gonçalves Dias. E, por último, (e) o quinto ciclo percorre a memória do autor no ciclo de poemas dedicados à “Belmonte, Terra do Mar” que destaca a vida popular da cidade natal do poeta, como no seguinte trecho de “Case Comigo, Maria”: “Ah! Como é linda esta roda / às sete horas da noite, / à hora em que a lua cheia / acabou de sair do mar, / iluminando Belmonte / com todas as suas ruas de areia” (Costa, op.cit.: 160). Além do ambiente da vida comum de Belmonte, também estão enquadrados os poemas relativos ao “ciclo de infância” em que aparecem as cantigas infantis e quadrinhas. “A Marcha do Menino Soldado” é um exemplo que parte de uma conhecida cantiga e se transforma em um poema de fundo político: “Marcha soldado, / cabeça de papelão, / pequenino espadachim, / ordenança de capitão. / Marcha direito. / Não marche como D. Quixote, / o espelho de Napoleão” (Costa 2001: 178-181). Já nessa introdução do poema fica clara a postura irônica e crítica do autor que irá no decorrer do enredo entrelaçar diversos episódios da Bíblia, da História e da Literatura na aparente inocência da marcha infantil para no final revelar-se um poema de engajamento político.

Embora a poética de Sosígenes Costa possa ser reconhecida pela convivência de diferentes ciclos, o aspecto circular dessa composição une um grupo de poemas aos outros, seja na reiteração do esquema de rima; no uso das mesmas palavras, expressões ou versos; na insistência de uma mesma imagem; nas cores e aromas. Cada um dos ciclos mostra, além das marcas distintivas, as identidades que conferem essa trajetória de retorno ao mesmo ponto. Constata-se, assim, que a dicção sosigenesiana expressa uma série de recorrências que privilegia os mesmos recursos – rimas forçadas, paródia de elementos da tradição literária universal, deslocamentos no tempo e no espaço de conteúdos e personagens históricos e/ou bíblicos, para citar alguns – tanto nos sonetos quanto nos poemas em verso livre, a composição híbrida de Sosígenes Costa apresenta procedimentos subjacentes à estética modernista. A tradição cultural européia que herdamos está presente nessa obra fornecendo substrato para a afirmação da existência pela diferença cultural brasileira. Nesse sentido, a paródia foi tomada como um instrumento de libertação e como veículo eficaz para dar um tratamento irônico aos temas da literatura clássica.

A importância de Sosígenes Costa para a literatura brasileira deve ser considerada pela abrangência e força imagética de sua expressão poética que, de fato, não se prendeu a rigor a nenhuma corrente estética. Em que pese a dificuldade de definir o poeta e sua problemática inclusão, como queria José Paulo Paes, no quadro de poetas modernistas brasileiros, não se pode negar a necessidade de se resgatar definitivamente a poética de Sosígenes Costa para os estudos literários e culturais no país, enfatizando a diversidade formal e temática como elemento diferenciador desse autor em relação ao panorama da literatura brasileira. Da *Obra Poética à Iararana*, a originalidade do poeta acentua sua dicção: pelo falar do povo local com seus costumes folclóricos e indígenas, pelo modo de expressão particular de temas universais, míticos e históricos. No encontro entre a vivência localista e cosmopolita, o poeta Sosígenes Costa manifesta o gosto por misturar a fantasia dos reinos fabulosos à

Antiguidade, à História, à mitologia grega, à tradição bíblica, a lendas e folclores, mistura que traz o olhar singular do poeta Sosígenes Costa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Jorge. “O Grapiúna Sosígenes Costa”. In: COSTA 2001.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1988.
- CAMPOS, Haroldo de. “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”. *Metalinguagem & Outras Metas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- COSTA, Sosígenes. *Poesia Completa*. Edição comemorativa do centenário de nascimento de Sosígenes Costa. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, 2001.
- DAMULAKIS, Gerana. *Sosígenes Costa, O Poeta Grego da Bahia*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia; Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1996.
- FONSECA, Aleilton. “Sosígenes Costa: Poeta da Visibilidade Moderna”. In MATTOS & FONSECA 2004.
- FONSECA, Aleilton & Carlos Ribeiro, orgs. *Irarana, revista de arte, crítica e literatura*. Edição Especial Centenário de Sosígenes Costa (Salvador) 7 (nov./2001-fev.2002).
- MATTOS, Cyro de. “Informação de Sosígenes Costa”. In MATTOS & FONSECA 2004.
- MATTOS, Cyro de & Aleilton Fonseca. *O triunfo de Sosígenes (Estudos, Depoimentos e Antologia)*. Ilhéus, BA: Editus/UEFS, 2004.
- MATTOS, Florisvaldo de. *Travessia de Oásis – A Sensualidade na Poesia de Sosígenes Costa*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia/EGBA, 2004.
- MUNIZ, Fernando. “O Que é Isto – A Antropofagia?” Gilberto Mendonça Teles et al. *Oswald Plural*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995.
- PAES, José Paulo. *Pavão, Parlenda, Paraíso – Uma tentativa de descrição crítica da poesia de Sosígenes Costa*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. “Irarana ou o Modernismo Visto do Quintal: um roteiro de leitura”. In: COSTA 2001.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Altas Literaturas. Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras. 1998.
- PÓLVORA, Hélio, org. *A Sosígenes, Com Afeto*. Salvador: Edições Cidade da Bahia; Fundação Gregório de Mattos, 2001.

THE POETRY OF SOSÍGENES COSTA: THE TRAIL OF A FORGOTTEN WORK.

ABSTRACT: The poetry of Sosígenes Costa shows a mixture of traces from the Parnasian, Symbolism,

and Baroque styles, as in his original “Sonetos Pavônicos,” even though the poet approaches a Modern style, mainly through demonstrating similarity with some of the intertextual resources preferred by modernist writers, such as parody. The tangential nature of the poetry of Sosígenes Costa, in addition to his own delay in publishing the *Obra Poética*, contributed to the difficulty of his inclusion in the national literary panorama. For that reason, the work of Sosígenes Costa, after more than a century since the poet’s birth, still awaits greater visibility.

KEYWORDS: poetry, style, parody, visibility.